

Cognição 4E, vícios e modos de produzir sujeitos¹

Marlene Souza dos Santos (UENF)²

Introdução

Este artigo analisa, a partir de material produzido em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas (CAPSAD) no interior do Rio de Janeiro, três narrativas de vida atravessadas pelo uso problemático de álcool e outras drogas, pela circulação entre serviços públicos, pela instabilidade das formas de moradia e pelas práticas cotidianas de cuidado. Em vez de tomar o chamado “vício” como uma disposição estritamente individual, uma falha moral ou uma patologia isolada no corpo biológico, a análise parte da maneira como Mamãe, Vanessa e Rosa elaboram suas experiências em relação a casas, ruas, instituições, vínculos familiares, objetos, substâncias, rotinas religiosas, lembranças e formas situadas de reconhecimento.

A análise não busca reduzir Mamãe, Vanessa e Rosa, meus interlocutores, à condição de vítimas, nem convertê-los em exemplos abstratos de agência. Interessa, antes, acompanhar como cada narrativa compõe modos singulares de habitar a precariedade, reivindicar reconhecimento e elaborar, no interior de relações assimétricas, possibilidades sempre parciais de continuidade da vida.

Com base no sociodiagnóstico de Frantz Fanon (2008), que permite deslocar a análise do sofrimento psíquico de uma perspectiva meramente individual ou biológica (ontogenia/filogenia) para uma compreensão estrutural e histórica da subjetividade, e na teoria da sujeição de Judith Butler (2017), que, ao defender a inauguração do sujeito e sua capacidade de agir a partir de um poder que o subordina coaduna com a percepção de que esses sujeitos desenvolvem uma agência autoconsciente dentro da subordinação, observo como normas sociais e morais conformam corpos precarizados impondo uma lógica de normalização que descontextualiza trajetórias. Além disso, defendo que a nossa identidade e o senso de quem somos não estão restritos apenas ao cérebro ou ao aparato

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Doutoranda e mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

biológico, mas emergem da integração entre o corpo, a mente e o ambiente externo (Peruzzo Júnior; Stroparo, 2023).

Na análise das trajetórias desses usuários do CAPSAD, a sociogenia revela como o racismo e a desigualdade de classe não são apenas variáveis externas, mas constituintes ativos de um esquema epidérmico racial que organiza a percepção de si e do mundo. Alienação e o sofrimento psíquico dos sujeitos são, segundo Fanon (2008), fruto de processos históricos de “epidermização da inferioridade”. O sofrimento psíquico, no caso de uma das minhas interlocutoras, Rosa, não é apenas clínico, mas o sintoma de cinco décadas de exaustão em um nicho de exploração doméstica e racializada. De formas distintas, a trajetória de Mamãe e Vanessa também demonstram como racismo e desigualdade, quando internalizados, passam a constituir os sujeitos, interferindo na sua percepção de mundo.

Nesse sentido, a articulação entre a sociogenia de Fanon (2008) e o paradoxo da sujeição de Butler (2017) permite ler essas trajetórias não como falhas de caráter, mas como a manifestação de agências possíveis dentro de horizontes de extrema precariedade. Enquanto Fanon nos ajuda a ver como o sofrimento é epidermizado pelo racismo estrutural, Butler nos oferece a chave para entender como o sujeito emerge justamente através, e não apesar, dos regimes de poder que o subordinam.

Este trabalho, portanto, traz as trajetórias de Mamãe, Vanessa e Rosa, sujeitos que transitam pelo Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas (CAPSAD) e busca de alguma forma ilustrar como a subjetividade e o que chamamos de “vício” não são estados puramente internos ou patologias cerebrais, mas fenômenos que emergem do engajamento contínuo entre o corpo biológico, o ambiente material precário e as estruturas de poder. Assim, mobilizo também o paradigma 4E (Iennaco et al, 2025), que compreende que a “consciência” não se reduz a uma atividade cerebral isolada, mas emerge da dinâmica corporificada e situada do organismo, que está sempre imerso em um contexto do qual também participa como componente ativo.

Mamãe e o “Ter Mente”: O Aprendizado Moral nos Gestos Miúdos

A entrevista com Mamãe apresenta-se como uma narrativa significativa sobre cuidado, memória e transformação moral. Seu relato se organiza como uma espécie de reflexão situada sobre a própria vida, elaborada a partir da experiência no CAPSAD e dos deslocamentos subjetivos e objetivos, produzidos ao longo dos anos. Ao falar de si,

Mamãe também fala da casa, da família, de trabalho, da cidade, da rua, do bar, do serviço de saúde, da alimentação, da roupa, do dinheiro, da bicicleta, dos irmãos, da mãe e dos demais usuários. Sua narrativa compõe uma leitura situada do cuidado, na qual o tratamento não aparece restrito ao uso de medicamentos ou ao atendimento profissional, mas se expande para um aprendizado cotidiano da atenção a si, aos outros e aos pequenos gestos da vida comum.

A trajetória de Mamãe, homem negro de 62 anos, em acompanhamento na instituição há quase vinte anos, revela uma subjetividade constituída ao longo de décadas de circulação institucional. Sua figura me chamou a atenção desde o primeiro dia no campo, muito em função da postura reservada e parcimônia nas conversas com outros sujeitos assistidos na instituição.

Mamãe se mantém afastado das interações e dos bate-papos comuns em espaços coletivos. De segunda a sexta-feira, pontualmente às 8h, ele chega ao CAPSAD em sua bicicleta, reiterando um ritual que parece conferir sentido aos seus dias. Apropria-se de uma das raras cadeiras disponíveis, geralmente desgastada e quebrada, no espaço de convivência localizado nos fundos da instituição, onde permanece em silêncio. Sua postura reservada revela uma estratégia de autopreservação diante do contexto institucional. Sua experiência é marcada por uma racionalidade prática que utiliza o silêncio e o distanciamento como tecnologias de gestão do risco. Ao afirmar que se mantém distante *“pra não haver uma confusão e sobrar para você”*, Mamãe demonstra um saber situado que lê as zonas de perigo inscritas na cidade e no dispositivo de saúde.

O proceder (Marques,2009) de Mamãe, pautado na parcimônia e no silêncio, exemplifica o que Fanon descreve como a necessidade do corpo negro navegar em um esquema epidérmico racial. Seu distanciamento não é apatia clínica, mas uma tecnologia de gestão de risco, uma racionalidade prática de quem sabe que, em um mundo racializado, qualquer confusão institucional pode custar sua integridade. Sua busca por “ter mente” é, portanto, a busca por uma consciência capaz de calcular a sobrevivência em um meio hostil.

Desde o início da entrevista, Mamãe situa sua fala em um regime de autorização construído no próprio cotidiano institucional. No dia anterior, eu havia me aproximado dele no espaço de convivência do CAPSAD, conversado brevemente e combinado a realização da entrevista. Esse contato prévio não foi apenas um procedimento

metodológico, mas um momento etnográfico importante, e antes de falar formalmente comigo, Mamãe tratou de comunicar aos profissionais da instituição que concederia a entrevista, produzindo, assim, uma espécie de legitimação pública de sua fala diante do grupo. Ao fazer isso, ele demonstrava sensibilidade às regras implícitas de convivência, às hierarquias morais do serviço e aos riscos de ser interpretado como alguém que falava indevidamente sobre assuntos coletivos.

Sua preocupação aparece de modo explícito quando afirma que *“primeiramente, que eu ontem, depois que você saiu daqui eu falei com eles ali que eu ia conversar com você hoje aqui, para não dizer que a gente está se metendo no assunto que não cabe a pessoa, entendeu?”*. A frase revela que sua narrativa não emerge apenas como relato individual, mas como fala situada, negociada e autorizada no interior de uma cena social concreta. Mamãe ocupa, nesse sentido, uma posição liminar, é usuário atendido pelo serviço, mas também observador atento dos funcionários, dos demais usuários e da dinâmica institucional.

Essa posição liminar lhe permite construir uma fala que confessa, mas que também avalia seu entorno. Ele fala como alguém que sofreu os efeitos da bebida, que caiu, literalmente uma queda que lhe custou afundamento do crânio e deixou sequelas graves, que perdeu trabalho, família e reconhecimento, mas que, ao mesmo tempo, desenvolveu uma forma própria de interpretação sobre o que significa mudar. Sua fala é marcada pela preocupação em não *“desfazer dos outros”*, repetindo diversas vezes que não quer *“acusar ou diminuir ninguém”*. Essa construção do pensamento revela uma ética relacional, criticar comportamentos sem romper completamente o vínculo com aqueles que ainda permanecem em situação de maior vulnerabilidade.

A entrada de Mamãe no CAPSAD é narrada como consequência de uma trajetória de desorganização progressiva da vida social. Antes de apresentar os acontecimentos que o conduzem ao serviço, ele recompõe uma sequência de perdas que articula trabalho, casamento, bebida, acidente e retorno à casa materna. A fala não organiza esses episódios apenas como lembranças isoladas, mas como uma explicação moral sobre o modo como sua vida foi se transformando aos poucos. Nesse sentido, o relato a seguir permite observar como Mamãe conecta a sociabilidade no trabalho ao início do consumo problemático de álcool e, posteriormente, à ruptura de vínculos profissionais e familiares.

Tudo bem, continuei, só que depois passar do tempo, comecei a fazendo amizade no serviço, e achei. Aí encontrei uns amigo dentro do hospital

que bebia. Ai minha casa caiu. Comecei menino... nada disso eu lembrava. E o que é que fui a fazer? Eu fiz. Perdi o serviço. Comecei a beber lá dentro do serviço, na, na prefeitura mesmo, no hospital, que é da prefeitura, entendeu. Então, larguei minha esposa lá, fui morar com outra mulher. Essa mulher fez eu caí da escada, bebo, né? Às vezes nem é culpa dela também, entendeu? Pode ser ter sido minha mesmo, que depois que a pessoa bebe ele não tem palavra, você quer ter um culpado, entendeu? Então, né? Ai caí, minha mãe foi lá me buscar.[...]. E eu caído, já tinha caído, bati com a cabeça, não tava conhecendo ninguém, minha mãe me trouxe pra cá. Comecei a tomar remédio. Tudo direitinho, conversando. Mamãe saía eu comprava bebida e se escondia. Vim parar aqui, minha mãe veio me trazer (Mamãe).

O trabalho, que inicialmente aparecia como oportunidade de estabilidade e reconhecimento, torna-se cenário de perda, “*perdi o serviço*”, diz ele, associando a bebida à ruptura de vínculos profissionais e conjugais. A queda física, após envolver-se com outra mulher e sofrer um acidente, adquire valor simbólico, a queda não é apenas corporal uma vez que ela condensa um conjunto de perdas, da consciência, do reconhecimento da mãe, perda da casa, de trabalhador responsável. A mãe, que vai buscá-lo e passa a levá-lo diariamente ao CAPSAD, emerge então como figura central de cuidado, mediação e reinscrição social.

Nos primeiros tempos no CAPSAD, Mamãe descreve uma condição de espera e dependência. Sua mãe o deixava no serviço pela manhã e retornava no fim da tarde para buscá-lo, uma vez que trabalhava como empregada doméstica bem perto dali. Ele ficava sentado na varanda, aguardando, em razão disso, os demais usuários o identificavam por essa relação de dependência materna. O apelido “mamãe”, que segundo ele permanece até hoje, revela como a instituição produz nomes, marcas e memórias sobre os sujeitos. Ao mesmo tempo, essa cena de espera explicita o CAPSAD como lugar de abrigo diurno, uma casa pública onde Mamãe aprendeu a permanecer e observar. Para Mamãe, o serviço inicialmente aparece menos como espaço terapêutico formal e mais como lugar de contenção, um lugar onde ele poderia ficar afastado do bar, da rua, da oferta de bebida e das relações que o reconduziam ao consumo.

Entretanto, ao longo da entrevista, o CAPSAD aparece como mais do que um refúgio, uma vez que Mamãe elabora o serviço como um espaço de aprendizagem moral e corporal. Ele observa os hábitos dos outros usuários, comenta o desperdício de comida, o modo de usar o banheiro, a sujeira no quintal, o cuidado com a roupa, a forma de falar com os profissionais, o respeito ao espaço do outro e a responsabilidade com os bens coletivos. Sua concepção de tratamento passa pela aquisição de uma “mente”, uma

consciência, capaz de perceber, calcular, conter impulsos e agir de modo diferente. A palavra “mente” aparece reiteradamente como categoria fundamental. Ter mente significa pensar antes de agir, evitar a bebida, guardar dinheiro, não desperdiçar pão, cuidar da mãe, evitar confusão, procurar o médico, pedir ajuda, usar a palavra certa e reconhecer que a mudança começa nos gestos miúdos, tudo isso vai sendo narrado por Mamãe, de forma muito tranquila, numa fala pausada e reflexiva.

Essa noção de mudança não se apresenta como conversão súbita, mas como processo lento, feito de comparações entre passado e presente. Mamãe recorre insistentemente à fórmula “*antigamente*” e “*hoje*”. Antigamente, a festa de criança sem bebida não tinha sentido, hoje, ele questiona a presença da cerveja nesse tipo de evento. Antigamente, o dinheiro recebido seria gasto no bar, hoje, pode ser guardado, investido na casa, usado para comprar água de coco para a mãe ou presentear as netas. Antigamente, a praia era associada ao bar, hoje, pode ser imaginada como lugar de descanso, picolé, claridade e contemplação. A transformação é narrada como alteração da percepção, o mundo permanece povoado pelos mesmos objetos, mas eles adquirem outros sentidos.

A experiência no CAPSAD também é descrita por Mamãe por meio das mudanças institucionais percebidas ao longo dos anos. Quando perguntado se algo mudou, ele responde afirmativamente, mudaram as pessoas e mudou o clima do serviço. Sua avaliação é interessante e peculiar, ele reconhece que existem usuários com vontade de melhorar, mas, por outro lado, também afirma que muitos parecem frequentar o serviço apenas durante o dia, mantendo à noite práticas associadas ao consumo de drogas. Essa percepção não deve ser tomada apenas como julgamento moral individualizante, mas como forma de leitura interna do cotidiano institucional. Mamãe distingue presenças, há quem venha para se cuidar e há quem venha apenas para passar o dia. Para ele, a permanência no CAPSAD exige uma “*mudancazinha*”, isto é, algum sinal visível de compromisso com outra forma de vida.

Entre as mudanças institucionais mais relevantes, destaca-se sua lembrança das oficinas, grupos, caminhadas e atividades corporais. Mamãe rememora com entusiasmo um tempo em que os usuários eram levados ao jardim, participavam de piqueniques, jogavam bola, faziam exercícios e caminhadas, brincavam com bambolês, cordas e jogos simples. Essas atividades são descritas como formas de produzir movimento, responsabilidade e alegria. Sua fala valoriza o corpo em ação, jogar, apanhar a bola,

levantar o braço, andar devagar, suar, acertar um alvo, tentar novamente. O corpo que antes caía, se machucava e era marcado pela bebida passou a ser convocado a experimentar outra relação com o movimento. As oficinas funcionavam, em sua memória, como dispositivos de recomposição corporal e social, pois retiravam os usuários da imobilidade, da cadeira, da espera e da possibilidade de conflito.

Mamãe fala do passado em função das mudanças que foram acontecendo em um passado recente, quando a dinâmica do CAPSAD foi profundamente alterada por processos de má gestão, pelo afastamento da coordenação após denúncias graves envolvendo usuários, pela deterioração administrativa do serviço e pelo descaso mais amplo da gestão municipal com a saúde mental. Nesse contexto, o ambiente institucional foi se tornando progressivamente mais hostil, depredado e violento, deslocando o CAPSAD de um espaço de cuidado mediado por oficinas e atividades coletivas para uma cena cotidiana marcada pela ausência de condução, pela tensão e pela insegurança.

Quando afirma que, se houvesse jogos e atividades, talvez a briga que ocorria ao fundo durante a entrevista não acontecesse, Mamãe formula uma teoria prática do cuidado institucional, para ele, o vazio de atividades intensifica a tensão no espaço comum. A ausência de oficinas não é apenas falta de entretenimento, é perda de mediação, de ritmo, de responsabilidade e de possibilidade de reconhecimento. Fazer artesanato, jogar uma bola ou pular uma corda são, em sua leitura, práticas que produzem atenção, comparação positiva e desejo de melhorar. *“Eu quero fazer melhor”*, diz ele, indicando que a atividade desperta uma forma de competição orientada para a criação e para o engajamento. O cuidado, nesse sentido, não se reduz à fala clínica, mas inclui materialidades simples capazes de reorganizar o tempo e o corpo.

A mudança narrada por Mamãe também se manifesta na forma como ele passa a administrar o dinheiro e a projetar o futuro. A aposentadoria próxima, o pão recebido no serviço, a comida guardada na geladeira, a compra de queijo, a água de coco para a mãe, o dinheiro destinado às netas e o desejo de colocar janelas de vidro em casa compõem uma economia moral da recuperação. Guardar dinheiro não aparece simplesmente como prudência financeira, mas como prova de que a bebida deixou de comandar a vida. O dinheiro que antes se dissipava no bar passa a ser convertido em cuidado familiar, melhoria da casa e reconhecimento intergeracional. Ao presentear as netas, Mamãe repara simbolicamente ausências anteriores, segundo suas próprias palavras, ao pensar nas

janelas da casa, antecipa a possibilidade de maior autonomia diante do envelhecimento e da eventual ausência da mãe.

A família ocupa lugar central nessa narrativa de transformação, tendo na mãe a figura que o resgata, o leva ao CAPSAD, o acolhe em casa e permanece como referência de obrigação moral. A ex-esposa falecida aparece associada ao arrependimento e à impossibilidade de pedir desculpas. O filho e as netas mobilizam uma ética de cuidado e prudência, Mamãe aconselha o filho a trabalhar, cuidar das crianças e evitar situações que possam levá-lo à prisão ou a novos conflitos familiares.

Os irmãos, por sua vez, funcionam como espelhos de trajetórias possíveis. Dois deles, já falecidos, também tiveram problemas com álcool ou outras drogas, um deles, pedreiro, aparece como exemplo de deterioração, ao passar de trabalhador habilidoso a alguém que varria bar em troca de bebida e cigarro. Ao falar deles, Mamãe elabora a dificuldade de perceber o sofrimento dentro da própria família e, ao mesmo tempo, a facilidade de reconhecê-lo nos outros usuários do CAPSAD.

Essa tensão entre ver e não ver atravessa toda a entrevista. Mamãe, num momento da entrevista pergunta *“como alguém não percebe que está se destruindo”*? Mas logo reconhece que ele próprio não percebeu os sinais em sua casa. A experiência no CAPSAD parece ter produzido nele uma capacidade de observação que é simultaneamente prática, moral e afetiva. Ele observa a sandália rasgada, o pão jogado fora, a roupa suja, a pressa, a festa com bebida, o bar cheio na sexta-feira, o usuário que some e retorna *“todo relepado”*, e tais cenas funcionam como sinais de caminhos possíveis. Ver o outro piorar confirma sua decisão de permanecer na instituição. A mudança, assim, não é interioridade isolada, mas também um exercício contínuo de comparação social, observação e engajamento com o ambiente.

Outro aspecto fundamental é a articulação entre cuidado de si e cuidado do espaço, Mamãe insiste que o CAPSAD deve ser tratado como casa, não se deve sujar o chão, bater portas, desperdiçar comida, usar o espaço coletivo como se não tivesse dono ou responsabilidade. Essa linguagem da casa é interessante, revela a importância do serviço como lugar de pertencimento, como uma segunda casa para ele, mas por outro lado denuncia a precarização do vínculo quando os usuários não reconhecem o espaço como comum. Ao dizer que *“é casa do mesmo jeito”*, ele amplia a noção de cuidado para além do corpo individual, uma vez que, para Mamãe, cuidar-se é também cuidar do quintal, da

comida e do espaço, existe em sua fala uma preocupação e uma defesa bastante contundente sobre o uso responsável de bens compartilhados.

A dimensão religiosa também atravessa sua narrativa, embora não substitua a responsabilidade individual, Mamãe agradece a Deus por lembrar, por estar vivo, por conseguir conversar, por ter “mente” para perceber. Deus aparece como força que toca as pessoas e possibilita apoio, mas a mudança depende de ação concreta, procurar o médico, tomar remédio sem misturar com bebida, evitar o bar, sair de perto da confusão, pedir licença, conversar com respeito. Sua ética combina providência divina e agência cotidiana, para ele não se trata de uma cura milagrosa, mas de uma vida reordenada por pequenas decisões repetidas.

A fala de Mamãe evidencia como a experiência do CAPSAD é incorporada por ele como uma gramática de reorientação da vida. O serviço aparece simultaneamente como abrigo, escola moral, espaço de convivência, lugar de conflito, cenário de perda de atividades e possibilidade de reinvenção. Ao narrar sua trajetória, ele não descreve apenas a passagem do consumo para a abstinência ou redução do uso, descreve a passagem de uma vida marcada pela desatenção para uma vida orientada pela percepção. A mudança central, para ele, consiste em passar a “ver”, ver o desperdício, ver a dor da mãe, ver o sofrimento dos irmãos, ver o risco do bar, ver o valor do dinheiro, ver a importância da casa, ver o corpo cansado, ver a necessidade de pedir ajuda e ver a dignidade nos pequenos cuidados.

Sua narrativa é menos a de um sujeito curado e mais de alguém em permanente vigilância ética sobre si mesmo. Mamãe reconhece que poderia recair, que a cidade oferece múltiplas tentações e que a bebida continua próxima, no bar, nas festas, na praia, no fim de semana, no cotidiano familiar. A diferença é que agora ele dispõe de uma linguagem para recusar, contornar e reinterpretar essas cenas. Quando afirma que hoje sabe que, se fizer algo errado, fará porque quer, ele desloca a explicação do acontecimento para a agência. Essa formulação pode ser lida como efeito de um processo que resulta também das experiências acumuladas de perda. Ao final sua fala é circular, retornando aos mesmos temas para reinscrevê-los em novas situações, bebida, dinheiro, comida, família, corpo, casa, trabalho e respeito. Essa circularidade revela a forma como a experiência é pensada por repetição, comparação e por diferentes formas de engajamento com o mundo.

Vanessa e as trajetórias de rua

Vanessa, mulher trans negra de 29 anos, narra sua trajetória a partir de uma vida marcada por deslocamentos sucessivos e por formas instáveis de permanência. Sua entrevista acompanha passagens entre casas de familiares, ruas, abrigos, instituições de privação de liberdade, relações afetivas e serviços públicos. A chegada ao CAPSAD aparece, nesse percurso, como mais um ponto de uma circulação mais ampla, atravessada por experiências familiares, prostituição, uso de cocaína e crack, passagem pelo sistema prisional, situação de rua, perda de documentos, busca por benefícios sociais e tentativa de reorganização cotidiana. A narrativa de Vanessa permite observar como gênero, raça, classe, território e institucionalidade se inscrevem em práticas concretas de circulação, proteção e sobrevivência, compondo modos situados de permanecer na cidade, acessar cuidado e reivindicar reconhecimento.

Vanessa se apresenta, inicialmente, por meio de sua origem familiar e da relação com a bisavó paterna, Dona Maria do Cachimbo, a quem atribui o lugar central de cuidado em sua infância. Embora qualifique esse período como uma *“infância perfeita”*, a própria narrativa mostra que essa lembrança é atravessada pela ausência do pai, pelo afastamento da mãe na criação cotidiana e pela dependência afetiva em relação à bisavó. A ruptura ocorre quando Dona Maria do Cachimbo sofre o segundo AVC. Segundo Vanessa, nesse momento, familiares do lado paterno juntam suas roupas, colocam-nas em um saco preto e a expulsam da casa, aos treze anos, sem o consentimento da bisavó, que viria a falecer pouco tempo depois.

Em sua interpretação, a expulsão não se explica apenas por um conflito doméstico pontual, mas por uma memória familiar inscrita em seu próprio corpo. Vanessa atribui parte desse afastamento à forte semelhança física que reconhece ter com o pai biológico, homem que desapareceu no dia de seu nascimento e nunca mais foi visto pela família. Quase trinta anos depois, seu paradeiro permanece desconhecido, e, para ela, seu rosto e sua presença corporal pareciam reabrir, no cotidiano da casa paterna, uma lembrança dolorosa que aqueles familiares preferiam manter afastada. Assim, a expulsão é narrada como um gesto de recusa dirigido não apenas à sua pessoa, mas também àquilo que seu corpo fazia lembrar, a ausência do ente querido, a dor não elaborada e os silêncios que organizavam aquela memória familiar.

Vanessa então busca abrigo na casa da mãe biológica como única alternativa à rua, a ida para a casa da mãe aparece em sua narrativa como deslocamento para um espaço no qual os vínculos precisavam ser reorganizados.

Aí eu fui morar com a minha mãe, sendo que com a minha mãe não foi a mesma coisa entendeu? Ah é mãe? É mãe é lógico, mas sendo que minha convivência maior foi com a minha bisavó entendeu? Então a minha mãe, sempre foi... tipo assim, a minha mãe sempre teve mais coisa com a minha irmã, a minha mãe criou só a minha irmã, nem eu nem meu outro irmão, meu outro irmão foi criado pela avó dele também. Então minha bisavó era por parte de pai. E então acabou que a minha adolescência não foi fácil, entendeu? Até eu me adaptar, porque minha mãe, que tipo assim, não passa a mão na minha cabeça e minha bisavó passava a mão na minha cabeça, me dava de tudo e me defendia, ninguém podia me botar a mão, nem a minha mãe podia me botar a mão. Um dia ela foi me corrigir minha falecida bisavó voou em cima dela (Vanessa).

Vanessa reconhece o amor da mãe e menciona situações em que foi ajudada por ela e pela avó materna, inclusive em momentos posteriores de violência e perda material, “ela me ajudou muito, minha mãe já me ajudou a mobiliar uma casa, coisas que eu não dei valor entendeu? Me ajudou quando um ex-companheiro meu botou fogo na casa. Tentou me botar fogo também. Minha mãe me ajudou muito”. No entanto, diferencia o cuidado materno daquele exercido pela bisavó, afirmando que sua mãe criou principalmente sua irmã, enquanto ela e o irmão foram criados por parentes paternos. Desse modo, o pertencimento familiar é narrado de maneira quase controversa, uma vez que há reconhecimento de ajuda e afeto, mas também memória de afastamento, conflito e dificuldade de adaptação.

A adolescência é apresentada por Vanessa como momento de maior circulação pela rua e de aproximação com outras mulheres trans.

Aí aos meus 16 anos eu comecei a sair né, eu tinha essa Liberdade de sair, eu acho, com 16 anos, ganhei maior liberdade ainda, eu podia ficar na madrugada na rua, entendeu? Aí eu conheci outras, outros, outras mulheres trans que tavam começando também, assim como eu tava começando e eu comecei a entrar na prostituição, que eu precisava de um meio de sobreviver porque minha mãe não ia me dar um salto, não ia me dar uma maquiagem entendeu? (Vanessa)

Aos dezesseis anos, ela afirma ter passado a sair com mais liberdade, inclusive durante a madrugada, e a conviver com mulheres trans que também iniciavam suas trajetórias na prostituição. A entrada na prostituição é narrada como uma forma de obter recursos para sobreviver e para acessar objetos associados à construção de sua

apresentação feminina, salto, maquiagem, roupas que, segundo ela, sua mãe não lhe daria, por não ter condição financeira, e não por rejeitar sua sexualidade. Nesse ponto, a prostituição aparece menos como escolha abstrata e mais como prática situada diante de necessidades materiais, expectativas de gênero e possibilidades disponíveis naquele momento de sua vida.

É nesse mesmo contexto que Vanessa situa o início do uso de cocaína, álcool e outras drogas disponíveis. Ela atribui o primeiro contato à convivência com uma amiga trans falecida, *“eu conheci uma falecida amiga minha trans, né, que era até do ramo, que ela se matou enforcada na praça de Petrópolis, na Praça da Liberdade, né? Ela se enforcou, se suicidou né. Ela estava com problema da família dela lá, acabou se suicidando”*, e com Evelyn outra amiga, que passa a ensiná-la como *“ser safá”* na rua.

Com as interações cotidianas, Vanessa vai descrevendo uma transformação no sentido do dinheiro obtido na prostituição. Aquilo que inicialmente era imaginado como meio para colocar silicone, fazer preenchimento labial, viajar para a Europa e realizar outros projetos pessoais passa a ser direcionado à manutenção do uso de cocaína. A própria Vanessa formula essa passagem como mudança em sua trajetória, ao afirmar que *“tudo foi mudando”* quando ficou na dependência da cocaína, *“então eu passei a me prostituir pra poder manter o meu vício e acima de tudo, e nessa prostituição e mantendo o meu vício eu fui conhecendo pessoas, entendeu? Além disso narra a deterioração da relação com a mãe, “minha convivência com a minha mãe, sabe, foi...foi piorando”*.

É nesse emaranhado de vínculos, deslocamentos e usos que Vanessa introduz sua passagem pelo sistema prisional. A relação com Evelyn aparece como parte de uma aprendizagem da rua, mas também como condição de exposição a situações em que presença, proximidade e suspeita se confundem. Durante uma madrugada de trabalho, Evelyn teria abordado com uma faca um vendedor de cachorro-quente conhecido das duas. Vanessa afirma ter permanecido à distância e não ter tocado na vítima, mas entende que, naquela cena, sua palavra tinha pouco peso diante do modo como seu corpo já era socialmente lido. Ao narrar a prisão, ela articula pobreza, negritude, travestilidade e circulação pela rua à experiência de ser previamente situada no campo da suspeição. O episódio, portanto, não aparece apenas como um fato isolado, mas como entrada em uma ordem institucional que reconhece determinados corpos a partir da desconfiança, antes mesmo de escutá-los.

A partir daí, sua fala desloca a prisão de uma experiência exclusivamente punitiva para um espaço de curiosidade, reconhecimento e sobrevivência. É nesse registro que Vanessa apresenta o chamado “galpão do amor”, descrevendo as formas específicas pelas quais mulheres trans podiam ser vistas, desejadas e protegidas naquele ambiente.

Eu não vou mentir porque eu queria conhecer lá dentro. Eu não vou mentir também, eu tinha curiosidade de conhecer o presídio no Rio de Janeiro. Eu fiquei no masculino no Rio de Janeiro, conhecido como galpão assim, galpão do amor, é povo de Israel, né, que é travesti com homem, tudo misturado. Eu tinha essa curiosidade, eu não vou, tipo... muitas mulheres trans no Rio de Janeiro, optam em, muitas vez elas saem e tacam pedra no carro do polícia pra poder voltar. Tem umas que agride patrimônio público só pra poder voltar de novo lá pra dentro, porque lá dentro querendo ou não elas são amada, os cara ajuda, não falta as coisa entendeu?(Vanessa)

Vanessa narra a experiência prisional como um campo tensionado, no qual violência institucional, reconhecimento afetivo e estratégias cotidianas de sobrevivência se entrelaçam. Ela descreve a passagem pela delegacia, por Benfica e, posteriormente, pelo espaço que denomina “galpão do amor”, onde *travestis* e homens ficavam juntos. Relata procedimentos de entrada, entrevistas, castigos, revistas e observações sobre diferenças de tratamento. Ao mesmo tempo, descreve o “galpão” como um lugar que despertava curiosidade e onde, em contraste com a rua, mulheres trans poderiam ser desejadas, protegidas e investidas de *status*. Quando chega à galeria, afirma que os homens sacudiam as grades, gritavam para que ela fosse colocada em suas celas e prometiam casamento e cuidado.

Essa formulação não elimina a violência institucional da prisão, mas mostra como Vanessa compara diferentes regimes de vulnerabilidade. Ela afirma que, na rua, travestis enfrentam preconceito e restrições de reconhecimento, já no presídio, ao contrário, diz ter se sentido acolhida, “rainha” e “primeira-dama”. Ao receber a liberdade, relata ter chorado porque não queria voltar a “encarar a sociedade”. “Quando me chamaram de Liberdade eu nem acreditei. Cê acredita que eu até chorei, que eu não queria nem ir embora? Eu não queria mais encarar a sociedade, não vou mentir, eu me sentia acolhida”.

Este relato de Vanessa ilumina com crueza o paradoxo da sujeição de Butler, a experiência de preferir a subordinação institucional à abjeção da rua. Ao sentir-se rainha no presídio, Vanessa demonstra que a instituição, mesmo sendo um aparato punitivo, oferece um regime de reconhecimento e proteção que a sociedade exterior lhe nega. Sua

agência manifesta-se na capacidade de converter um espaço de confinamento em um território de status e existência, revelando que, para diversos sujeitos, a liberdade sem amparo pode ser mais aterrorizante que a sujeição com lugar. Vanessa também afirma que algumas mulheres trans retornam ao presídio por encontrarem ali proteção, ajuda material e reconhecimento afetivo. Ao mesmo tempo, reconhece que o uso de cocaína continuou e se intensificou nesse período, especialmente por meio de um companheiro que, segundo ela, colocava drogas para dentro da cadeia.

Com liberdade, Vanessa retorna a Petrópolis e descreve um período de tentativa de reorganização da vida. A mãe paga seu deslocamento do presídio até a rodoviária, a avó materna a recebe em casa e ela volta a trabalhar na prostituição, onde afirma conseguir dinheiro para comprar telefone, roupas e outras coisas de que precisava. Contudo, a circulação por pontos de prostituição também é narrada como espaço de conflito com outras travestis, em especial quando se recusa a pagar pelo uso da rua. Ao dizer que “*a rua é pra todos*”, Vanessa contesta a cobrança por um ponto que, em sua compreensão, não pertencia a ninguém.

As chuvas de 2022 em Petrópolis aparecem como outro marco de deslocamento, e embora a casa em que vivia não tenha sido diretamente atingida, Vanessa relata o medo diante da instabilidade do terreno e das mortes ocorridas na cidade. Procura abrigo, passa por equipamentos de acolhimento, realiza cadastros e consegue acesso ao aluguel social. Esse momento é descrito como uma conquista significativa uma vez que recebe uma casa, móveis, benefícios e cartões de auxílio. Sua fala apresenta esse período como uma fase curta e rara estabilidade material, na qual se via com moradia, renda, alimentação e alguma possibilidade de organização cotidiana.

A estabilidade, porém, é narrada como temporária uma vez que, a circulação pela cidade e aproximação com pessoas ligadas ao tráfico acabaram por favorecer o uso intenso de cocaína e outras drogas. Ela relata a troca do cartão e recursos financeiros por drogas, e do uso do dinheiro destinado ao aluguel também para a mesma finalidade. A expressão “*aquilo virou um caos*” resume a forma como interpreta esse período, uma passagem da casa mobiliada e dos benefícios sociais para a perda de bens, retorno às ruas e nova instabilidade.

As relações afetivas também ocupam lugar estruturante na narrativa de Vanessa, especialmente a relação com Igor, um rapaz que conheceu nas ruas após a perda dos

benefícios sociais e com quem viveu por algum tempo. Nesse período Vanessa relata ter sido feliz, vivendo como dona de casa enquanto o companheiro saía para vender doces no sinal. Ela descreve esse vínculo a partir de práticas cotidianas como cozinhar, lavar roupas, arrumar a casa, comprar alimentos, fazer refeições, assistir filmes, mas também narra conflitos, brigas, uso intenso e compartilhado de drogas, situações de rua e cuidado diante de ferimentos. Com Igor, Vanessa afirma ter vivido uma forma de conjugalidade reconhecida no comércio e nos espaços por onde circulavam em Petrópolis, eram vistos e reconhecidos nesse período de tempo como um casal.

A separação de Igor é narrada como evento que desorganiza novamente sua moradia e sua permanência na cidade. Vanessa afirma ter entrado em depressão, abandonado a casa e ido para um equipamento reconhecido por acolher pessoas em situação de rua, mencionando inclusive vontade de tirar a própria vida. Permanece algum tempo em Petrópolis, mas relata não suportar ver Igor com outra pessoa, segundo ela uma “*mulher de verdade*”. O afastamento acontece quando surge uma oportunidade de viagem a Niterói, propiciando a interrupção de uma convivência urbana marcada pela memória do casal.

Em Niterói, Vanessa conhece Jonathan em contexto de prostituição e, embora o encontro se inicie como programa, ela relata que, após a relação sexual, os dois conversaram, circularam juntos e passaram a andar de mãos dadas. A rapidez desse vínculo é narrada por Vanessa como possibilidade de recomeço e de esquecimento de Igor. Em poucas horas, os dois atravessam para o Rio, vão à praia, circulam por espaços de lazer e seguem para a cidade natal de Jonathan, que a leva para conhecer sua família.

A chegada à casa da família de Jonathan é descrita inicialmente como acolhedora, mas rapidamente se transforma em conflito. Vanessa relata falta de privacidade, invasões no banheiro, insistência sexual por parte de Jonathan, comentários de familiares sobre sua identidade trans e uma situação em que um tio teria se aproximado dela de modo ambíguo, ao mesmo tempo em que fazia comentários ofensivos sobre travestis. A ruptura com Jonathan ocorre nesse ambiente de tensão familiar, levando Vanessa a deixar a casa e ir para a rua em uma cidade que não conhecia.

No momento da entrevista, Vanessa afirma estar há um mês e vinte dias no município, vivendo nas ruas do centro da cidade. Sua fala descreve ameaças, agressões, medo, conflitos entre pessoas em situação de rua, dificuldade de dormir em segurança e

perda de documentos. Ao mesmo tempo, ela menciona o CAPSAD, o Centro Pop, a possibilidade de falar com representantes da assistência social, a busca por segunda via de documentação e a reivindicação de uma vaga destinada a pessoas trans em abrigo. Assim, sua presença na cidade é narrada simultaneamente como desorientação e como busca por caminhos institucionais de reorganização.

A narrativa de Vanessa permite acompanhar uma trajetória continuamente produzida nas relações de sociabilidade que atravessam seu cotidiano. Bisavó, mãe, avó, companheiros, amigas, outras mulheres trans, trabalhadores de serviços públicos e pessoas encontradas nas ruas compõem uma rede móvel de presenças, apoios, conflitos e aprendizados. Suas formas de agir não aparecem como expressão isolada de uma vontade individual, mas como respostas situadas aos ambientes que frequenta e às possibilidades que cada espaço oferece ou restringe. Casas, ruas, pontos de prostituição, abrigos, presídio, CAPSAD participam da composição de seus modos de circular, se proteger, negociar vínculos e buscar alguma estabilidade. Nesse sentido, o comportamento de Vanessa é também codeterminado pelos lugares, relações e materialidades com os quais ela se engaja, fazendo de sua trajetória uma experiência construída no encontro entre corpo, território, instituições e sociabilidades cotidianas.

Rosa e a Sociogenia da Servidão Doméstica

Rosa se apresenta inicialmente por meio de marcadores biográficos que condensam origem, maternidade e pertencimento: “*Eu me chamo Rosa, tenho 62 anos*”; “*sou paraibana*”; “*tenho um filho*”. Esses enunciados, aparentemente simples, situam sua trajetória em uma rede de relações, deslocamentos e vínculos de trabalho. Retirada da Paraíba ainda criança, Rosa construiu a vida adulta em casas de família, onde trabalhou por muitos anos como empregada doméstica e onde também criou o filho. A maternidade, nesse contexto, não aparece separada do trabalho, ambas se entrelaçam no espaço doméstico de terceiros, em relações marcadas por confiança, permanência e dependência material. Ao narrar esse percurso, Rosa evidencia como sua sobrevivência foi sendo produzida entre obrigações de cuidado, vínculos pessoais e formas de pertencimento construídas no interior de casas que não eram suas, mas nas quais sua vida e a de seu filho foram, em grande medida, organizadas.

Ao falar do filho, Rosa desloca constantemente a narrativa de si para a experiência materna. O filho aparece como sujeito de preocupação, orgulho e cuidado, mas também

como aquele que, em determinado momento, passa a assumir a responsabilidade pelos seus cuidados. Rosa também narra a trajetória dele com o álcool, sua entrada no Alcoólicos Anônimos e sua posterior formação em Direito são narradas como conquistas familiares. O ingresso do filho no AA, mediado por um amigo de Rosa, é descrito como um acontecimento decisivo, quase ritualizado, durante um mês ele foi levado às reuniões, até receber o “livro azul” e a recomendação de “*evitar o primeiro gole*”. A partir daí, Rosa interpreta a sobriedade do filho como prova de transformação e como sinal de que a vida pode ser refeita por meio da disciplina, do apoio comunitário e da vigilância cotidiana.

A experiência de Rosa com o álcool é narrada por meio de imagens de descontrole, medo e perigo. Ela relembra períodos em que bebia álcool misturado com refrigerante ou suco, chegando a descrever o café da manhã como “*álcool com suco*”. A expressão “*eu estava enlouquecendo*” revela o modo como minha interlocutora interpreta retrospectivamente esse período, associando o consumo ao risco de perda de si, à possibilidade de acidentes domésticos e a pensamentos de morte.

Sua narrativa é marcada pela consciência da recaída como ameaça permanente, e o álcool aparece como uma substância acessível, disseminada e, por isso mesmo, difícil de evitar, “*você encontra ela ali, encontra ela ali*”. Nessa formulação, Rosa atribui ao álcool uma presença social constante, que exige dela estratégias práticas de afastamento, como ir às reuniões aos sábados, evitar dinheiro em mãos e manter uma rotina de oração.

Os sábados, em especial, são identificados por ela como momentos de maior vulnerabilidade. Rosa nomeia esses momentos como “*gatilhos*”, categoria que circula nos repertórios terapêuticos e que ela incorpora à sua forma de compreender o tratamento. Para enfrentar esse risco, organiza sua rotina em torno de atividades ordinárias, participar de reuniões, voltar para casa, esquentar comida, assistir televisão, cuidar das cachorras, molhar o quintal, ouvir louvores. A vida cotidiana, nesse sentido, não aparece como detalhe secundário, mas como território de cuidado.

A internação na Cristolândia também ocupa lugar central em sua memória, e Rosa relata ter passado pela instituição mais de uma vez e descreve a experiência durante a pandemia, quando o isolamento intensificou a convivência entre as mulheres internadas. O fechamento da instituição para visitas, a redução do número de internas e a substituição dos contatos presenciais por mensagens e encontros on-line com familiares compõem um

quadro de confinamento e adaptação. A rotina institucional é descrita com precisão, horários para acordar, devocionais, refeições, regras para dormir, vigilância nos corredores e restrições ao uso de medicamentos controlados. Esses elementos revelam uma forma de tratamento baseada em disciplina corporal, espiritualidade e convivência coletiva. Rosa não descreve a internação apenas como espaço de cuidado, mas também como lugar de tensão, conflito, privação e aprendizado, onde permanecer exigia, em suas palavras, “*peito*”.

Outro momento importante da entrevista é a relação que Rosa estabelece entre tratamento, medicação e memória. Minha interlocutora associa o uso do Diazepam à perda de memória e manifesta o desejo de interromper gradualmente o medicamento, e tem colocado em prática, “*escondida do filho*”, *segundo ela*. Sua preocupação não se restringe ao efeito farmacológico, mas se articula à vontade de recuperar autonomia e lucidez, uma vez que, o esquecimento, mencionado em diferentes momentos da entrevista, aparece como sintoma, incômodo e também como marca narrativa, ela se perde, retoma assuntos, pergunta o que estava dizendo e reorganiza a fala a partir de associações. A entrevista permite observar como a memória de Rosa é simultaneamente objeto de preocupação e instrumento de reconstrução de si. Ao narrar, ela ordena acontecimentos, identifica perigos, reconhece apoios e reafirma decisões, sempre de forma muito cautelosa.

A dimensão pública do alcoolismo também aparece nas relações de vizinhança, quando Rosa relata episódios em que pediu dinheiro emprestado, discutiu com vizinhos e se sentiu difamada. Ao mesmo tempo, reconhece o alcoolismo como um problema e afirma não querer mais “*se manipular*” ou “*se fazer de vítima*”, e percebo, em sua fala, um misto de vergonha, responsabilização e desejo de reparação. O gesto de querer pagar pessoalmente pequenas dívidas, sem que o filho o faça por ela, é interpretado por Rosa como parte de sua reconstituição moral diante da rua, pagar, pedir desculpas ou simplesmente circular de cabeça erguida são práticas por meio das quais ela busca reconstruir sua imagem social e reafirmar sua dignidade.

A relação com o filho condensa muitos dos sentidos atribuídos ao cuidado, quando o filho administra o cartão, faz compras, acompanha consultas e orienta a mãe diante do risco de recaída. Rosa reconhece essa intervenção como proteção, ainda que em alguns momentos tenha se sentido contrariada. A inversão parcial dos papéis, a mãe que cuidou

sozinha do filho e agora é cuidada por ele, é narrada com gratidão. Seu filho é apresentado como testemunha de sua história, como alguém que conhece seus sacrifícios e que, por isso, pode afirmar orgulho da mãe. Essa reciprocidade afetiva permite compreender o tratamento não apenas como processo individual, mas como experiência relacional.

Analisar a fala de Rosa, implica acompanhar uma narrativa de sofrimento, mas também de agência, sua fala evidencia que as formas de lidar com o alcoolismo não se limitam ao espaço institucional do CAPSad, do AA ou da comunidade terapêutica, ela se prolonga na casa, na rua, nas relações com o filho, nas práticas religiosas, no controle do dinheiro, no cuidado com os animais e na tentativa diária de evitar o primeiro gole. Rosa se reconhece como alguém em luta, vivendo “*um dia de cada vez*”, e transforma a própria narrativa em exercício de elaboração.

Ao falar, ela rememora quedas, internações, perdas e recaídas, mas também afirma projetos como estudar, reduzir medicamentos, pagar dívidas, circular pela vizinhança, manter-se sóbria e fazer com que o filho tenha orgulho dela. Sua experiência permite compreender o alcoolismo como fenômeno social, moral e relacional, atravessado por gênero, trabalho, maternidade, religiosidade, solidão e cuidado.

Algumas Considerações

As três trajetórias evidenciam que o sofrimento psíquico não pode ser explicado apenas por fatores individuais ou biológicos conforme defende Fanon. O sociodiagnóstico revela como a racialização, a precarização e a negligência institucional estruturam a identidade desses sujeitos. Apesar de não me aprofundar na descrição institucional, O CAPSAD, ao atuar frequentemente como um dispositivo de segurança que gerencia a “anormalidade”, através do abandono espacial ou da neutralização química, acaba por tratar a desigualdade social e os traumas dela decorrentes como patologia individual. Contudo, Mamãe, Rosa e Vanessa demonstram que a “mente” ou consciência são inseparáveis do engajamento com o meio, e que eles não são corpos passivos, mas agentes que reinterpretem a precariedade para produzir novos e possíveis sentidos de existência

Nesta análise, os sujeitos deixam de ser figuras abstratas da patologia para tornarem-se corpos que, no engajamento diário com o ambiente em toda a sua diversidade, elaboram cálculos morais e táticas de sobrevivência frente a uma precariedade politicamente distribuída. Mamãe encarna um “proceder”, como um código

normativo forjado na experiência de um corpo negro que lê as zonas de perigo tanto no dispositivo quanto na cidade. Sua agência não se manifesta na subversão ruidosa, mas em uma racionalidade prática do distanciamento, “fico distante pra não haver confusão”.

Sua consciência, sua “mente” como ele mesmo define, emerge de um engajamento dinâmico com o meio, onde a memória da saúde está inscrita nas atividades e no contraste entre o “*corpo levinho*” das oficinas do passado e o corpo cansado, dolorido, da imobilidade atual revelando como o mundo é trazido à existência pelo movimento ou pela segregação. Ao apropriar-se de uma cadeira nos fundos da instituição, Mamãe expande sua agência para os objetos, transformando a materialidade precária em uma tática de autopreservação. As decisões deliberadas de Mamãe, ao fazer determinadas escolhas, demonstram como o sujeito manipula o ambiente físico para sustentar sua integridade em um sistema que cotidianamente tenta reduzi-lo à uma vida puramente biológica.

A trajetória de Rosa desvela a sociogênese de um sofrimento estruturado por cinco décadas de disponibilidade absoluta ao mundo dos outros. Sua subjetividade foi forjada no “cadinho social” da servidão doméstica infantil, um processo de assujeitamento onde seu corpo negro foi reduzido à funcionalidade para o trabalho. O álcool, nesta perspectiva, surge não como falha biológica, mas como uma forma paradoxal de resistência, a criação de um espaço de “não-trabalho” em uma vida saturada.

No encontro clínico, a medicalização via Diazepam opera como uma moral em cápsula, convertendo o trauma em diagnóstico individual e silenciando sua vida política. Diante dos lapsos de memória provocados pela química institucional, Rosa estabelece um sistema de sobrevivência acoplado ao filho, que funciona como uma prótese de agência e infraestrutura mental externa, armazenando as capacidades de gestão que o corpo biológico já não sustenta sozinho. Sua resistência assume um tom melancólico, ao insistir em “*erguer a cabeça*” e pagar suas dívidas pessoalmente, ela disputa seu reconhecimento contra a norma que a define previamente como um “*sujeito-problema*”.

Vanessa performa uma corporalidade que desafia os binarismos de gênero e legalidade. Expulsa do nicho familiar na adolescência, sua existência é marcada pela exposição constitutiva ao outro, onde a prostituição emerge como tática de sobrevivência e o presídio masculino, paradoxalmente, como um espaço de acolhimento e status de “rainha”. Sua agência manifesta-se em cálculos precisos de risco onde Vanessa vai negociando sua permanência no mundo, ilustrando o paradoxo de preferir a subordinação

à inexistência. Ela não é um subproduto passivo da precariedade, mas um sujeito que, ao reivindicar a “vaga trans” e a oração como ferramenta de foco, tenta reconstruir continuamente sua existência em um ambiente saturado por estímulos que tentam fixá-la na abjeção.

O argumento central é que o sofrimento, a dependência e as tentativas de recomposição da vida não podem ser compreendidos fora dos arranjos materiais, morais e relacionais nos quais se tornam narráveis. Nas falas analisadas, o tratamento não aparece como evento circunscrito ao atendimento profissional ou ao uso de medicamentos, mas como processo distribuído em práticas ordinárias, afastar-se de uma confusão, evitar o bar, guardar dinheiro, cuidar da casa, reivindicar documentos, procurar abrigo, frequentar reuniões, administrar cartões, rezar, alimentar animais, circular pela cidade ou permanecer em espaços institucionais que funcionam simultaneamente como refúgio, ameaça, mediação e espera.

Considerações finais

Ao cruzar a sociogenia de Fanon com o paradoxo da sujeição de Butler, este trabalho demonstra que o CAPSAD não é apenas um local de tratamento, mas um palco onde se disputa a humanidade. Mamãe, Vanessa e Rosa não são corpos passivos à espera de uma intervenção química, são agentes que, no gesto miúdo de cuidar de uma casa ou de reivindicar um nome, subvertem a condição de meros recursos descartáveis. A “recuperação”, portanto, revela-se como o esforço político de reconstruir o mundo no interior de uma vida que, apesar de precária, recusa-se a ser inexistente.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Tradução Rogério Bettoni. 1ª ed. Autêntica. 2017

CLARK, Andy. **Being there: putting brain, body and world together again**. 2th ed. Cambridge: The MIT Press, 1997.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato Júnior. Salvador: Edufba, 2008.

IENNAO, Maria Luiza; RODRIGUES, Thais; MAIA, Thales; SAYEG, Paulo. Teorias contemporâneas da consciência. São Paulo: FFLCH-USP, 2025. Curso online.

PERUZZO JÚNIOR, Léo; STROPARO, Amanda. Self e identidade pessoal: hibridização e expansão. **Veritas (Porto Alegre)**, [S. l.], v. 68, n. 1, p. e44072, 2023. DOI: 10.15448/1984 6746.2023.1.44072.